

A Nova Terra

Anthony A. Hoekema

A Bíblia ensina que os crentes irão para o céu ao morrer. É também claramente ensinado nas Escrituras que eles estarão felizes durante o estado intermediário entre morte e ressurreição. Mas sua felicidade será provisória e incompleta. Para que sua felicidade seja completa eles aguardam a ressurreição do corpo e a nova terra que Deus criará com culminação de sua obra redentora. Concentramos agora nossa atenção nessa nova terra.

A doutrina da nova terra conforme ensinada pelas Escrituras é uma doutrina importante. Ela é importante, primeiramente, para compreensão adequada da vida por vir. A partir de certos hinos temos a impressão de que os crentes glorificados passarão a eternidade em algum céu etéreo, em algum lugar no espaço, bem longe da terra. As seguintes linhas do hino “*My Jesus, I Love Thee*” (Meu Jesus, Eu Te Amo) parecem transmitir essa impressão: “Em mansões de glória e prazer sem fim - eu sempre te adorarei no radiante céu”. Mas será que tal concepção faz jus à Escatologia bíblica? Será que deveremos passar a eternidade em algum lugar no espaço, trajando vestes brancas, tocando harpas, cantando hinos e pulando de nuvem em nuvem enquanto fazemos isso? Pelo contrário, a Bíblia nos assegura que Deus criará uma nova terra na qual viveremos para seu louvor em corpos ressurretos e glorificados. Nessa nova terra, portanto, é que esperamos passar a eternidade, desfrutando de suas belezas, explorando seus recursos e utilizando seus tesouros para a glória de Deus. Uma vez que Deus fará nova terra seu lugar de habitação, e uma vez que o céu é onde Deus habita, estaremos então continuando no céu enquanto estivermos na nova terra. Pois os céus e a terra não mais serão separados como o são agora, mas serão um (veja Apocalipse 21.1-3). Mas deixar a nova terra fora de nossas considerações, ao pensarmos no estado final dos crentes, é empobrecer em muito o ensino bíblico acerca da vida por vir.

Em segundo lugar, a doutrina da nova terra é importante para uma compreensão adequada da plenitude das dimensões do programa redentor de Deus. No princípio, assim lemos em Gênesis, criou Deus os céus e a terra. Por causa da queda do homem no pecado foi pronunciada uma maldição sobre esta criação. Deus, então, envia seu Filho a este mundo para redimir essa criação dos resultados do pecado. A obra de Cristo, portanto, não é apenas salvar certos indivíduos, nem mesmo salvar uma incontável multidão de pessoas compradas por sangue. A obra total de Cristo não é nada menos do que redimir toda esta criação dos efeitos do pecado. Este propósito não será realizado até que Deus tenha instaurado a nova terra, até que o Paraíso Perdido tenha-se tornado o Paraíso Recuperado. Precisamos de uma compreensão clara da doutrina da nova terra, portanto, para ver o programa redentor de Deus em suas dimensões cósmicas. Precisamos perceber que Deus não estará satisfeito até que todo o universo tenha sido purificado de todos os resultados da queda do homem.

Uma terceira razão pela qual este assunto é importante é sua necessidade para a compreensão adequada das profecias do Antigo Testamento. Já vimos anteriormente

várias profecias do Antigo Testamento que falavam de um futuro glorioso para a terra. Estas profecias nos dizem que, em algum tempo no futuro, a terra se tornará muito mais produtiva do que agora, que o deserto florescerá como a rosa, que o lavrador ultrapassará o ceifeiro, e que as montanhas destilarão doces vinhos. Elas nos dizem que não mais será ouvido o som do choro sobre aquela terra, e que os dias do povo de Deus serão então semelhantes aos dias de uma árvore. Elas nos dizem que naquela terra o lobo e o cordeiro comerão juntos e que ninguém ferirá ou destruirá algo em todo santo monte de Deus, pois a terra estará cheia do conhecimento do Senhor como as águas cobrem o mar.

Os dispensacionalistas nos acusam a nós amilenistas, de “espiritualizar” este tipo de profecias de modo a ocultar o seu verdadeiro significado. John F. Walvoord, por exemplo, diz: “Às várias promessas feitas a Israel é dado um dentre dois tratamentos [pelos amilenistas]. Pelo tradicional amilenismo agostiniano, essas promessas são transformadas por uma interpretação espiritualizada para a igreja. A igreja hoje é o verdadeiro Israel e herda as promessas que Israel perdeu ao rejeitar a Cristo. O outro tratamento ou tipo de amilenismo mais moderno, sustenta que as promessas de justiça, paz e segurança são figuras poéticas do céu e cumpridas no céu, não na terra” Numa página posterior, após citar e referir-se a várias passagens proféticas acerca do futuro da terra Walvoord continua dizendo: “Através de nenhuma alquimia teológica estas e inumeráveis outras referências à terra, como a esfera do Reino milenar de Cristo deveriam ser espiritualizadas, para se tornar equivalentes ao céu, o estado eterno ou a Igreja, conforme têm feito os amilenistas”

Podemos responder argumentando que profecias deste tipo não deveriam ser interpretadas nem como se referindo à Igreja do tempo presente nem ao céu, se com céu for entendido um Reino em algum lugar no espaço, bem distante da terra. As profecias desta natureza deveriam ser entendidas como descrições - certamente em linguagem figurada - da nova terra que Deus trará à existência após a volta de Cristo - uma nova terra que não durará apenas mil anos, mas para sempre.

Portanto, uma compreensão adequada da doutrina da nova terra providenciará uma resposta a declarações dispensacionalistas tais como estas recém-citadas. Também proverá uma resposta à seguinte declaração de outro dispensacionalista: “Se as profecias do Antigo Testamento concernentes às promessas de um futuro feitas a Abraão e a Davi devem ser cumpridas literalmente, então tende haver um período futuro, o milênio, no qual elas possam ser cumpridas, pois a igreja não as está cumprindo agora em nenhum sentido literal. Em outras palavras, o quadro literal das profecias do Antigo Testamento requer um cumprimento futuro, ou um cumprimento não-literal. Se elas devem ser cumpridas no futuro, o único tempo possível para este cumprimento é o milênio”

A isto podemos responder: Haverá um cumprimento futuro dessas profecias, não no milênio, mas sim na nova terra. Se todas elas devem ser cumpridas *literalmente* é uma questão aberta; com certeza detalhes acerca de lobos e cordeiros, e acerca de montanhas destilando doce vinho devem ser entendidos não de um modo grosseiramente literal, mas como descrições figuradas de como a nova terra será. Entretanto, não é correto dizer que aplicar essas profecias à nova terra seja participar de um processo de “espiritualização”.

Mantendo em mente a doutrina da terra, portanto, estaremos esclarecendo o significado de grandes porções da literatura profética do Antigo Testamento de modos surpreendentemente novos. Fazer estas passagens se referirem unicamente a um período de mil anos anterior ao estado final é empobrecer o seu significado. Mas ver estas profecias como descrevendo a nova terra que aguarda a todo o povo de Deus e que durará para sempre é ver estas passagens em sua verdadeira luz.

Passamos agora a examinar mais completamente o que a Bíblia ensina acerca da nova terra⁷. Desde o capítulo de abertura do livro de Gênesis aprendemos que Deus prometeu ao homem nada menos do que a própria terra como sua herança e habitação adequada: “E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja sobre a terra” (Gn 1.28). Deus também ambientou o homem no Jardim do Éden. A partir desse jardim, como seu centro, o homem deveria governar e dominar sobre toda a terra. Esta era a sua tarefa, seu mandato da criação. Mas o homem caiu no pecado, foi expulso do Jardim do Éden e foi-lhe dito que agora, por causa do seu pecado, ele teria de morrer. Quando o homem pecou, seu domínio sobre a terra não foi removido. Mas a terra sobre a qual ele governava passou a estar sob maldição, conforme vemos em Gênesis 3.17 (“Maldita é a terra por tua causa”). Mais adiante, o próprio homem tornou-se tão corrompido pelo pecado que não mais pode governar a terra adequadamente.

Imediatamente após a queda Deus deu ao homem o assim chamado “proto-Evangelho”: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3.15). As palavras são dirigidas à serpente que, no livro do Apocalipse, é identificada como Satanás: “Ele segurou o dragão, a antiga serpente que é o diabo, Satanás”(20.2; cap.. 12.9). Esta promessa afirmou claramente que a cabeça da serpente - aquela que levou o homem a se rebelar contra Deus - seria finalmente esmagada pelo descendente da mulher e que, por isso, indubitavelmente se vislumbrava a vitória final sobre a força do mal que tinha perturbado a tranqüilidade do paraíso.

Como, pois, poderiam Adão e Eva, juntamente com outros que ouvissem esta primeira promessa, visualizar essa vitória final? Somente podemos especular acerca dessa questão. Mas poderia parecer que uma vez que um dos resultados do pecado foi a morte, esta vitória prometida tivesse de alguma forma que envolver a remoção da morte. Além disso, uma vez que outro resultado do pecado fora a expulsão de nossos primeiros pais do Jardim do Éden de onde eles deveriam governar o mundo para Deus, pareceria que a vitória também devesse significar a restauração do homem a algum tipo de paraíso recuperado, do qual ele novamente poderia governar adequadamente, e sem pecado sobre a terra. O fato de que a terra fora amaldiçoada por causa do pecado do homem também pareceria implicar que, como parte da vitória prometida, esta maldição e todos os outros resultados do pecado que a maldição envolvia fossem removidos. Num certo sentido, portanto, a expectativa de uma nova terra já estava implícita na promessa de Gênesis 3.15.

Em Gênesis 15 e 17 lemos acerca do estabelecimento formal da aliança da graça com Abraão e seu descendente. Ao estabelecer sua aliança com Abraão, Deus estava estreitando, temporariamente, o escopo da aliança da graça com o objetivo de preparar para um alargamento último da aliança. Na promessa de Gênesis 3.15 Deus tinha

anunciado que ele estava graciosamente inclinado para com o homem apesar da queda deste no pecado. Esta inclinação graciosa foi definida nos termos mais amplos possíveis, dirigindo-se para “o descendente da mulher”. Ao estabelecer sua aliança formalmente com Abraão, entretanto, Deus introduziu temporariamente uma etapa particularizadora da aliança da graça - com Abraão e com os seus descendentes naturais - para que estes descendentes de Abraão pudessem ser uma bênção para todas as nações (veja Gn 12.3; 22.18). Esta etapa particularista da aliança da graça com Abraão, portanto, vem seguida na era do Novo Testamento pelo alargamento do escopo da aliança, que agora não mais está restrito a Israel, mas inclui pessoas dentre todas as nações da terra.

Na questão da herança da terra encontramos uma situação similar: um estreitamento temporário da promessa é seguido por uma ampliação posterior. Em outras palavras, assim como o povo de Deus, na era do Antigo Testamento, era em sua maioria restrito aos israelitas, mas era neotestamentária é arrebanhado dentre todas as nações, assim também na época do Antigo Testamento a herança da terra era limitada a Canaã, enquanto que na época do Novo Testamento a herança é expandida para incluir toda a terra.

Encontramos em Gênesis 17.8 a seguinte promessa feita a Abraão: “Dar-te-ei e à tua descendência (ou somente, ASV) a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em posse perpétua...” Observe-se como Deus prometeu dar a terra de Canaã não somente aos descendentes de Abraão, mas também ao próprio Abraão. Mesmo assim, Abraão nunca possuiu nem um metro quadrado de terra na terra de Canaã (cap. Atos 7.5) - com exceção da caverna-túmulo que ele teve de comprar dos hititas (veja Gn. 23). Qual, pois, foi a atitude de Abraão com relação a esta promessa da herança da terra de Canaã, que nunca foi cumprida durante o período de sua vida? Recebemos uma resposta a esta questão no livro de Hebreus. No capítulo 11, versos 9, 10, lemos: “Pela fé Abraão peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa; porque aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador”. Por “a cidade que tem fundamentos” devemos entender a cidade santa ou a nova Jerusalém que se encontrará na nova terra. Em outras palavras, Abraão aguardava o advento da nova terra como o verdadeiro cumprimento da herança que lhe tinha sido prometida - e assim procederam os outros patriarcas. O fato de que os patriarcas assim fizeram, é citado pelo autor de Hebreus como uma evidência de sua fé: “Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas, vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra. Porque os que falam desse modo manifestam estar procurando uma pátria. E, se, na verdade, se lembrassem daquela de onde saíram, teriam oportunidade de voltar. Mas agora aspiram a uma pátria superior, isto é, celestial. Por isso, Deus não se envergonha deles, de ser chamado o seu Deus, porquanto lhes preparou uma cidade” (11.13-16).

Vemos no quarto capítulo de Hebreus que a terra de Canaã, no sentido literal, era um tipo do descanso sabático eterno que subsiste para o povo de Deus. Os israelitas no deserto, que não entraram no descanso da terra de Canaã por causa de sua incredulidade e desobediência, são comparados neste capítulo a pessoas que, por causa de desobediência semelhante, não entram no “descanso sabático” (v.9) que nos aguarda na vida por vir. Portanto, Canaã não era um fim em si mesmo. Ela apontava, no futuro, para a nova terra que estava por vir. Também vemos, em Gálatas 3.29, que se somos de

Cristo, somos descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa. Todos nós que estivermos unidos com Cristo pela fé, somos, portanto, neste sentido mais amplo, a descendência de Abraão. E a promessa da qual somos herdeiros tem de incluir a promessa da terra.

Quando, à luz desta expansão neotestamentária do pensamento do Antigo Testamento, relemos Gênesis 17.8, vemos nessa passagem, agora, uma promessa da posse eterna última por todo o povo de Deus - todos aqueles que, no sentido mais amplo do termo, são descendência de Abraão - daquela nova terra de que Canaã terrena era apenas um tipo. Dessa forma a promessa da herança da terra tem sentido para todos os crentes de hoje. Limitar esse alcance futuro desta promessa a Abraão, como o fazem os dispensacionalistas, à posse da terra da Palestina pelos judeus crentes durante o milênio é diminuir em muito o sentido dessa promessa.

Patrick Fairbairn resume o que a herança de Canaã significa sob os seguintes três pontos:

- (1) A Canaã terrena nunca foi designada por Deus - nem poderia assim ser entendida por seu povo no princípio - para ser a herança última e propriamente dita que eles deveriam ocupar; em relação a isso foram proferidas e esperadas coisas que, claramente, não podiam ser realizadas dentro dos limites de Canaã, nem em toda a terra como presentemente a temos.
- (2) A Herança, em seu sentido verdadeiro e completo, poderia apenas ser desfrutada por aqueles que tivessem se tornado filhos da ressurreição, eles próprios totalmente redimidos em corpo e alma dos efeitos e conseqüências do pecado.
- (3) A ocupação da Canaã terrena pela descendência natural de Abraão, em seu grande e último desígnio, foi um tipo de ocupação por uma Igreja redimida de herança de glória a ela destinada.

Uma questão que deveríamos encarar neste momento é se a nova terra será outra totalmente diferente desta terra atual, ou será uma renovação da presente terra. Tanto em Isaías, 65.17, como em Apocalipse, 21.1, ouvimos acerca de “novos céus e uma nova terra”. A expressão “céus e terra” deveria ser entendida como um modo bíblico de designar o universo inteiro: “Céus e terra conjuntamente constituem o cosmos”. Mas então a questão é: O universo atual será totalmente aniquilado, de forma que o novo universo será completamente outro do que o cosmos atual, ou será o novo universo essencialmente o mesmo cosmos que o presente, apenas renovado e purificado?

Os teólogos luteranos, freqüentemente, favoreceram a primeira destas duas opções. G.C. Berkouwer menciona vários escritores luteranos que favoreceram o conceito do aniquilamento do presente cosmos e de uma descontinuidade completa entre a velha terra e a nova. Estes teólogos apelam para passagens tais como Mateus 24.29 (“O sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento e os poderes dos céus serão abalados”) e 2 Pedro 3.12 (“Os céus incendiados serão desfeitos e os elementos abrasados se derreterão”). Fica claro que eventos cataclísmicos acompanharão a destruição da terra atual - eventos que

continuarão um julgamento divino sobre esta terra, com todo o seu pecado e imperfeição.

Entretanto, temos de rejeitar o conceito de aniquilamento total em favor do conceito de renovação, pelas seguintes quatro razões:

A primeira: tanto em 2 Pedro 3.13 como em Apocalipse 21.1 o termo grego utilizado para designar a novidade do novo cosmos não é *neos* mas sim *kainos*. A palavra *neos* significa novo em tempo ou origem, enquanto que a palavra *kainos* significa novo em natureza ou em qualidade. A expressão *ouranon kainon kai gen kainen* (“Novo céu e nova terra”, Ap. 21.1) significa, portanto, não a emergência de um cosmos totalmente outro, diferente do atual, mas a criação de um universo que, embora tenha sido gloriosamente renovado, está em continuidade com o universo presente.

Uma segunda razão para favorecer o conceito de renovação ao invés do aniquilamento é o argumento de Paulo em Romanos 8. Quando ele nos diz que a criação aguarda, com ansiedade, pela revelação dos filhos de Deus a fim de que possa ser liberta do cativeiro da corrupção (vv. 20,21), ele está dizendo que é a criação atual quem será libertada da corrupção no *eschaton*, não uma criação totalmente diferente.

Uma terceira razão é a analogia entre a nova terra e os corpos ressurretos dos crentes. Já indicamos, anteriormente, que haverá tanto continuidade como descontinuidade entre o corpo atual e o corpo ressurrecto. As diferenças entre nossos corpos atuais e nossos corpos ressurretos, por mais maravilhosas que sejam não retiram a continuidade: somos *nós* que seremos ressuscitados, e somos *nós* que estaremos para sempre com o Senhor. Aqueles ressuscitados com Cristo não serão um conjunto totalmente novo de seres humanos, mas sim o povo de Deus que viveu nesta terra. A título de analogia, seria de se esperar que a nova terra não será totalmente diferente da terra atual, mas será a terra presente maravilhosamente renovada.

Uma quarta razão para preferirmos mais o conceito da renovação do que o do aniquilamento é esta: Se Deus tivesse de aniquilar o presente cosmos, Satanás teria conquistado uma grande vitória. Pois então Satanás teria tido sucesso em corromper tão devastadoramente o cosmos presente e a terra atual que Deus não poderia mais fazer nada com isso a não ser extingui-los totalmente da existência. Mas Satanás não conquistou essa vitória. Pelo contrário, Satanás tem sido decisivamente derrotado. Deus revelará a plenitude das dimensões essa derrota ao renovar exatamente a mesma terra na qual Satanás enganou a humanidade, banindo, finalmente dessa terra, os resultados das maquinações diabólicas de Satanás.

Sobre este assunto é interessante observar as palavras com as quais Edward Thurneysen descreveu sua compreensão de como seria a nova terra: “O mundo no qual entraremos, na Parousia de Jesus Cristo, por essa razão não é outro mundo; é este mundo, este céu, esta terra; ambos, porém, já passados e renovados. Serão estas florestas, estes campos, estas cidades, estas ruas, este povo, que constituirão o cenário da redenção. No momento, eles são campos de batalha, cheios de luta e dor pela consumação ainda não realizada: então eles serão campos de vitória, campos de colheita, onde da semente que foi semeada com lágrimas os molhos eternos serão ceifados e trazidos para casa”. Emil Brunner criticou esta declaração, considerando-a extremamente grosseira e materialista, dizendo que não temos direito de esperar que a

futura terra venha a ser exatamente como esta terra atual. G.C. Berkouwer, porém, manifesta apreço pela concreticidade da esperança de Thurneysen, preferindo este modo de declarar como será a vida futura aos conceitos etéreos e espiritualizados sobre o futuro que não fazem jus à promessa bíblica de uma nova terra.

Quando entendermos adequadamente os ensinamentos bíblicos acerca da nova terra, várias outras passagens das Escrituras começam a se encaixar num padrão significativo. Por exemplo, no salmo 37.11 lemos: “Mas os mansos herdarão o *país*”. É importante observar como Jesus parafraseia esta passagem em seu Sermão do Monte, refletindo a expansão neotestamentária do conceito dessa terra: “Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a *terra*” (Mt 5.5). Vemos em Gênesis 17.8 que Deus prometeu dar a Abraão e à sua descendência toda a terra de Canaã por possessão eterna; mas, em Romanos 4.13, Paulo fala da promessa a Abraão e a seus descendentes, dizendo que eles deveriam herdar o mundo - observe que a terra de *Canaã*, de Gênesis, tornou-se o *mundo* em Romanos.

Após a cura do coxo no templo, Pedro fez um discurso aos judeus reunidos no pórtico de Salomão, no qual ele disse: “Arrependei-vos, portanto, e convertei-vos, para que seus pecados sejam cancelados, a fim de que da presença do Senhor possam vir tempos de refrigério; e que ele possa enviar o Cristo que vos foi apontado, Jesus, a quem o céu precisa receber até à época da restauração de todas as coisas” (Atos 3.19-21, ASV). A expressão “a restauração de todas as coisas” (no grego, *apokatastaseos panton*) sugere que a volta de Cristo será seguida pela restauração de toda a criação de Deus à sua perfeição original - dessa forma apontando para a nova terra.

Foi feita anteriormente referência ao ensino de Paulo, em Romanos 8.19-21. Aqui Paulo descreve a expectativa da nova terra pela criação atual em termos vívidos: “A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus”. Em outras palavras, não é só o homem que aguarda por essa nova terra; toda a criação também aguarda por ela. Quando os filhos de Deus receberem sua glorificação final, na ressurreição, toda a criação será libertada da maldição sob a qual tem labutado. Para parafrasear as notáveis palavras de Philips, toda a criação “está na ponta dos pés” esperando que isso aconteça. Quando Paulo, mais adiante, nos diz que a criação inteira geme como nas dores de parto, ele sugere que as imperfeições da criação presente, que são resultado do pecado, devem propriamente ser vistas por nós como as contrações do parto de um mundo melhor. Novamente vemos a redenção em dimensões cósmicas.

Em Efésios 1.13,14, Paulo fala acerca de nossa herança: “Nele fostes selados com o Santo Espírito da promessa; o qual é o penhor da nossa herança até o resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória”. Nesta tradução, da *Versão Revised Standard*, a expressão grega *eis apolytrosin tes peripoieses* (literalmente: até à redenção da possessão) é traduzida como se significasse: *até que resgatemos o que é nossa possessão*. Outras versões sugerem uma interpretação diferente. A *Versão New International* traduz assim a frase em questão: “até à redenção daqueles que são possessão de Deus”. Seja qual for a versão que adotarmos, porém, é claro nesta passagem que o Espírito Santo é a garantia ou penhor da nossa herança. O que, pois, é esta herança? Geralmente, consideramos a herança aqui mencionada como apontando

para o céu. Mas porque esse termo deveria ser tão restringido? À luz do ensino do Antigo Testamento, não é verdade que esta herança incluía a nova terra com todos os seus tesouros, belezas e glórias?

Existe uma passagem, no livro do Apocalipse, que fala acerca de nosso reinado sobre a terra: “Digno és [Cristo] de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação, e para o nosso Deus os constituíste Reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra (Ap. 5.9,10). Embora alguns manuscritos tragam o verbo “reinarão” no tempo presente, os melhores textos trazem o tempo futuro. O reinado sobre a terra desta grande multidão redimida é representado aqui como a culminação da obra redentora de Cristo por seu povo.

As principais passagens bíblicas que falam da nova terra são as seguintes: Isaías 65.17-25 e 66.22,23 2 Pedro 3.13 e Apocalipse 21.1-4. Isaías 65.17-25, que talvez contenha mais sublime descrição vetero-testamentária da vida futura do povo de Deus, já foi abordada anteriormente. Em Isaías 66.22,23, existe uma segunda referência à nova terra: “Porque, como os novos céus e a nova terra, que hei de fazer, estarão diante de mim, diz o Senhor, assim há de estar a vossa posteridade e o vosso nome. E será que de uma lua nova à outra, e de um sábado a outro virá toda a carne a adorar perante mim, diz o Senhor”. Nos versos anteriores do capítulo 66, Isaías predisse futuras e copiosas bênçãos para o povo de Deus: Deus dará a seu povo grande prosperidade (v.12), confortará o seu povo (v.13), fará o seu povo se regozijar (v.14), e o congregará dentre todas as nações (v.20). No verso 22 Deus nos diz, através de Isaías, que seu povo permanecerá perante ele tão duradouramente quanto os novos céus e a nova terra que ele criará. Vemos no verso 23 que todos os habitantes dessa nova terra adorarão a Deus fiel e regularmente. Embora esta adoração esteja descrita em termos emprestados da época em que Isaías escrevera (“de uma lua nova à outra, e de um sábado a outro”), estas palavras não devem ser entendidas em um modo estritamente literal. O que está predito aqui é a adoração perpétua de todo o povo de Deus, congregado dentre todas as nações, de modo que será adequado à nova existência gloriosa de que eles desfrutarão na nova terra.

Em 2 Pedro 3, o apóstolo enfrenta a objeção dos escarnecedores que dizem: “Onde está a promessa da sua vinda?” (v.4). A resposta de Pedro é que o Senhor adia a sua vinda porque ele não deseja que ninguém pereça, mas deseja que todos venham ao arrependimento (v.9). Entretanto, Pedro continua dizendo, o dia do Senhor virá, e naquela ocasião a terra e as obras que nela estão serão destruídas pelo fogo (v.10). Agora acompanhe estas palavras: “(11) Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade, (12) esperando e apressando (ou desejando ansiosamente, variante) a vinda do dia de Deus, por causa do qual o céus incendiados serão desfeitos e os elementos abrasados se derreterão. (13) Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça”. A ênfase de Pedro é que, embora a terra atual será “incendiada”, Deus nos dará novos céus e uma nova terra que nunca será destruída, mas que durará para sempre. Desta nova terra tudo o que for pecaminoso e imperfeito terá sido removido, pois será uma terra onde habita a justiça. Portanto, a atitude adequada para com estes eventos vindouros não é de escarnecer do seu atraso, mas de estar ansiosamente esperando pela volta de Cristo e pela nova terra que virá à existência após essa volta. Tal espera deveria transformar a qualidade da vida aqui e agora: “Por essa

razão, pois, amados, esperando estas coisas, empenhai-vos por ser achados por ele em paz, sem mácula e irrepreensíveis” (v.14).

A descrição mais arrebatadora de toda a Bíblia sobre a nova terra é encontrada em Apocalipse 21.1-4:

(1) Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. (2) vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. (3) Então ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles. (4) E lhes enxugará dos olhos toda lágrima e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram.

Uma existência incomparavelmente bela está retratada nesses versos. O fato de que a palavra *kainos* descreve a novidade do novo céu e nova terra indica, conforme apontado anteriormente, que o que João vê não é um universo totalmente diferente do atual, mas um universo que foi gloriosamente renovado. Existem diferenças de opinião quanto à questão de se as palavras “e o mar já não existe” deveriam ser entendidas literalmente ou figuradamente. Mesmo que devam ser interpretadas literalmente, elas indubitavelmente apontam para um aspecto significativo da nova terra. Uma vez que o mar no restante da Bíblia, especialmente no livro do Apocalipse (cap. 13.1; 17.15), freqüentemente, representa aquilo que ameaça a harmonia do universo, a ausência do mar na nova terra significa a ausência de qualquer coisa que pudesse interferir nessa harmonia.

O verso 2 nos mostra a “cidade santa, a nova Jerusalém”, representando toda a igreja glorificada de Deus, descendo dos céus à terra. Esta igreja, agora totalmente sem mancha ou mácula, completamente purificada do pecado está agora “ataviada como noiva adornada para o seu esposo”, pronta para o casamento do Cordeiro (veja Ap 19.7). Vemos neste verso que a Igreja glorificada não permanecerá em um céu distante no espaço, mas passará a eternidade na nova terra.

Aprendemos, do verso 3, que o lugar da habitação de Deus não mais será agastado da terra, mas será na terra. Uma vez que o céu é onde Deus habita, concluímos que na vida por vir céu e terra não mais estarão separados, conforme estão agora, mas serão fundidos. Por causa disso os crentes continuarão a estar no céu enquanto continuam a viver na nova terra. “Ele habitará com eles, e eles serão seu povo” são as palavras familiares da promessa central da aliança da graça (cap. Gn 17.7; Ex 19.5,6; Jr 31.33; Ez 34.30; 2 Co 6.16; Hb 8.10; 1 Pe 2.9,10). O fato de que esta promessa é repetida na visão que João tem da nova terra implica que somente nessa nova terra Deus finalmente concederá a seu povo a plenitude das riquezas que a aliança da graça inclui. Aqui nós recebemos as primícias; lá receberemos toda a colheita.

As afirmações corajosas do verso 4 sugerem bem mais do que elas efetivamente dizem. Não haverá lágrimas na nova terra. Choro e dor pertencerão às coisas primeiras, que já serão passadas. E não haverá mais morte - não mais haverá acidentes fatais, nem doenças incuráveis, nem serviços fúnebres, nem últimas despedidas. Naquela nova terra

desfrutaremos de comunhão eterna e inquebrável com Deus e com o povo de Deus, incluindo os queridos e amigos a quem amamos e perdemos por um pouco.

No restante do capítulo 21, e nos primeiros cinco versos do capítulo 22, encontramos uma descrição maior da cidade santa - que, como podemos inferir, será o centro da nova terra. É duvidoso se detalhes como os fundamentos de jóias, os portões de pérolas e as ruas de ouro devem ser tomadas literalmente, mas o radiante esplendor que essas figuras sugerem confundem a imaginação. O fato de que os nomes das doze tribos estão inscritos nas doze portas (21.12) e que os nomes dos doze apóstolos estão inscritos nos doze fundamentos (v.14) sugere que o povo de Deus, na nova terra, incluirá tanto crentes da comunidade da aliança vetero-testamentária quanto da Igreja do Novo Testamento. Não haverá templo na cidade (v.22), uma vez que os habitantes da nova terra terão comunhão direta e contínua com Deus.

Os versos 24 e 26 são muito significativos, pois nos dizem: “os reis da terra lhe trazem a sua glória [na cidade santa]... e lhe trarão a glória e a honra das nações”. Poder-se-ia dizer que, conforme essas palavras, os habitantes da nova terra incluirão pessoas que alcançaram grande proeminência e exerceram grande poder na terra atual - reis, príncipes, líderes e outros. Também poderia se dizer que qualquer coisa que as pessoas tiverem feito nesta terra, que tenha glorificado a Deus, será lembrado na vida por vir (veja Ap. 14.13). Porém, é preciso dizer mais. Não será demais dizer que, conforme estes versos, as contribuições peculiares de cada nação para a vida na presente terra enriquecerão a vida da nova terra? Deveremos então herdar as melhores produções da cultura e da arte que esta terra tem produzido? Hendrikus Berkhof sugere que tudo o que tiver tido valor nesta vida atual, tudo o que tiver contribuído para a “libertação da existência humana” será retido e acrescentado na nova terra. Em apoio a esta idéia ele cita a seguinte sentença de Abrahm Kuyper: “Se um campo infinito de conhecimento e habilidade humanas está agora sendo formado por tudo o que acontece, com o fim de sujeitar a nós o mundo visível e a natureza material, e se sabemos que este nosso domínio sobre a natureza será completo na eternidade, podemos concluir que o conhecimento e o domínio que aqui conquistamos sobre a natureza pode e será de importância permanente, mesmo no Reino da glória”.

Vemos, no capítulo 22, que na nova terra as nações viverão juntas em paz (v.2), e que a maldição que repousou sobre a criação desde a queda do homem será removida (v.3). É-nos dito que os servos de Deus o adorarão ou servirão (v.3); portanto, o descanso que aguarda o povo de Deus na vida por vir não será um descanso de mera ociosidade. O fato de que os servos de Deus reinarão pelos séculos dos séculos (v.5) confirma o que aprendemos em Apocalipse 5.10; em distinção ao reinado dos crentes mortos, no céu com Cristo durante os mil anos do estado intermediário (cap 20.4), este será um reinado eterno na terra, pelos crentes com corpo ressuscitados. A maior alegria e o mais alto privilégio da vida gloriosa está expresso no verso 4: “Eles contemplarão a sua face [de Deus] e nas suas fronteiras está o nome dele”. Em suma, a existência de Deus, perfeito gozo de Deus e perfeito serviço a Deus.

A doutrina da nova terra deveria nos dar esperança, coragem e otimismo em tempos de desespero difundido. Embora o mal seja excessivo neste mundo, é confortante saber que Cristo conquistou a vitória final. Enquanto que os ecologistas, freqüentemente, retratam o futuro desta terra em termos sombrios, é encorajador saber que um dia Deus preparará uma nova terra gloriosa, na qual os problemas ecológicos que

agora nos assolam não mais existirão. Isto não implica que não tenhamos de fazer nada acerca desses problemas, mas significa sim que trabalhamos por soluções para estes problemas não com um sentimento de desespero, mas na confiança de esperança.

Já foi salientado, anteriormente, que tanto haverá continuidade como descontinuidade entre esta era e a próxima, e entre esta terra e a nova terra. Este ponto é extremamente importante. Como cidadãos do Reino de Deus, não podemos simplesmente considerar a terra atual como uma perda total, ou nos alegrar com sua deterioração. Temos realmente de estar trabalhando por um mundo melhor agora. Nossos esforços em trazer o Reino de Cristo, em sua manifestação plena, são de importância eterna. Nossa vida institucional - nossa obra missionária, nossa tentativa de desenvolver e promover uma cultura distintivamente cristã, têm valor não apenas para este mundo, mas inclusive para o mundo por vir.

Enquanto vivemos nesta terra nós nos preparamos para a vida na nova terra de deus. Através de nosso serviço real estão sendo agora reunidos os materiais de construção para aquela nova terra. Bíblias estão sendo traduzidas, pessoas estão sendo evangelizadas, crentes estão sendo renovados, e culturas estão sendo transformadas. Somente a eternidade revelará o significado total do que está sendo feito para Cristo aqui.

No princípio da história Deus criou os céus e a terra. No fim da história vemos os novos céus e a nova terra, que ultrapassarão, em muito, o esplendor de tudo que temos visto antes. No centro da história está o Cordeiro que foi morto, o primogênito entre os mortos, e o governador dos reis da terra. Um dia lançaremos perante ele todas as nossas coroas, “perdidos em admiração, amor e louvor”.

Fonte: Esse texto é um capítulo do excelente livro “*A Bíblia e o Futuro*”, de Anthony Hoekema - Editora Cultura Cristã. [Clique aqui para comprar.](#)